



MEMÓRIA, PASTORAL E EDUCAÇÃO: um encontro de três vias

Ir Jorge Luiz de Paula SJ¹
José de Jesus da Silva Nascimento²
Lucas Vinícius Santana Alves³

RESUMO

No seio da Igreja, a pastoral sempre foi muito cara como meio de chegar até o povo e fazer com que estes se tornassem mais vivos na própria Igreja. No campo educacional e especialmente para a Companhia de Jesus, a pastoral sempre teve por finalidade ajudar as pessoas a tornarem-se melhores em suas vivências, a partir de sua dimensão espiritual religiosa que irradia para as demais dimensões da vida. Podemos ver isso se considerarmos desde o período colonial até o momento presente. O exame de consciência praticado por muitas pessoas já existia na sociedade antiga e na Igreja, mas com Inácio de Loyola ele ganhou novos contornos que vêm com a finalidade de ajudar a pessoa a emendar-se em sua vida. Quanto mais cedo iniciarmos esta experiência de crescimento humano, mais chances teremos de construir um mundo mais justo, onde as pessoas reflitam sobre suas ações. E com base nisso este exame de consciência, agora espiritual, foi adaptado para ser trabalhado com as crianças e na Escola Santo Afonso Rodriguez e em outras obras educativas da Companhia de Jesus, esta experiência ganhou o nome de Pausa Inaciana, por ser um momento de parada ante as muitas tarefas que se têm ao longo do dia.

Palavras-Chave: Pastoral; Educação; Exame Espiritual de Consciência.

ABSTRACT

Within the Church, pastoral care has always been supportive to reach out to people and make them livelier in the Church itself. In the educational field and especially for the Society of Jesus, pastoral care has sought to help people improve their experiences based on their religious-spiritual dimension that resonates with other dimensions of life. We can see this if we consider it from the colonial period to the present time. The examination of conscience practiced by many people already existed in ancient society and the Church. However, with St. Ignatius of Loyola, it gained new outlines that intend to help individuals to amend their lives. The sooner we start this experience of human growth, the more chances we have to build a fairer world where people can reflect on their actions. Thus, the examination of conscience, now spiritual, was adapted to be worked with children at Escola Santo Afonso Rodriguez (ESAR). Together with other educational works of the Society of Jesus, this experience is called "Pausa Inaciana" since it is a moment of a break from the many tasks that one has throughout the day.

Keywords: Pastoral care; Education; Spiritual examination of conscien.

¹ Jesuíta, Diretor Acadêmico da Escola Santo Afonso Rodriguez – PI RJE Brasil.

² Coordenador de Pastoral da Escola Santo Afonso Rodrigues – PI RJE Brasil.

³ Pastoralista da Escola Santo Afonso Rodrigues – PI RJE Brasil.



1 INTRODUÇÃO

Hoje a pastoral é um trabalho que, no Brasil, está mais associado às paróquias e aos serviços das comunidades cristãs. Entendê-la dentro do contexto escolar é levar em conta as singularidades que o ambiente obriga. A companhia de Jesus tem refletido sobre os caminhos comuns da Pastoral e da Educação, como forma de tornar mais humano e eficiente este serviço dentro da comunidade educativa.

Esta reflexão toma como fundamento alguns documentos da Igreja, dos quais queremos citar a declaração *Gravissimum Educationis*, que proclama o direito universal à educação e declara a Igreja como detentora do direito de educar, uma vez que ela reafirma o projeto humano da educação e oferece algo mais, a saber, a dilatação do Reino de Deus na terra e a formação do homem novo em Cristo.

Em outras palavras a confessionalidade é o excedente que a educação católica pode oferecer a seus educandos. Este aspecto é fomentado sobretudo pela pastoral, que é o serviço religioso da escola. Por outro lado, faz-se necessário entender a pastoral para além da confessionalidade, estabelecendo o diálogo fundamental, que a *Gravissimum Educationis* reclama com a metáfora do Reino de Deus dilatado no mundo.

Esta imagem põe a escola num ponto de intersecção sempre caro ao Evangelho de Jesus: a relação com Deus e com o mundo, nunca uma sem a outra. Por isso, com a ajuda dos movimentos democráticos do final do século XX, no

Brasil e no mundo, a pastoral tem renunciado a uma tendência doutrinária e “catequética”, para uma postura que dialogue com os grandes anseios humanos e as questões sociais, com a espiritualidade cristã e um projeto de vida que contemple os valores da religião. Para além disso, a pastoral tem se empenhado em discutir a confessionalidade sem paralisar a importância do diálogo entre as religiões, colocando este setor como um dos garantidores da liberdade religiosa dentro da escola.

Se isso lesa ou fortalece o trabalho da pastoral na escola, é uma discussão efervescente, mas queremos afirmar com tudo isso que a liberdade religiosa e a experiência da fé cristã não se contrapõem; pastoral e educação potencialmente se complementam e se enriquecem. Aliás, foi a educação confessional que lançou as bases da educação em solo brasileiro, desde a época da colonização, com os religiosos que vinham para o Brasil.

2 OS CAMINHOS COMUNS DA PASTORAL E DA EDUCAÇÃO JESUÍTA

Mesmo que os Jesuítas tenham provocado uma colonização pela fé, na metade do século XVI, quando vieram ao Brasil, é possível encontrar na metodologia daqueles padres a valorização dada à cultura e ao social. O interesse de Anchieta por uma gramática na língua materna dos nativos, a defesa feita por Vieira aos indígenas, desde a capela de uma escola da Companhia de Jesus e a importância do aspecto humano dentro da pedagogia das missões, sinalizam um grande interesse pelo que não é puramente religioso. Isso porque,



o trabalho educativo da Companhia de Jesus, em sua experiência inicial nos colégios, tinha suas raízes na tradição humanística do Renascimento (...) os primeiros jesuítas eram homens de seu tempo (...) o humanismo renascentista não era, portanto, nem estranho (*sic*) nem alheio às experiências – acadêmica e espiritual –, das quais nasce a Companhia de Jesus (SOSA, 2018, p. 5).

Portanto, para além dos erros históricos da educação católica e jesuíta, a pastoral, desde os tempos em que era exercida exclusivamente por padres, religiosas e religiosos, tem se comprometido a afirmar a importância da educação e o diálogo necessário entre o acadêmico e o espiritual.

Nos dias atuais, as escolas jesuítas seguem reunindo em suas atuações o acadêmico e o espiritual levando a pastoral a protagonizar com as direções acadêmicas a vida escolar, de modo que a missa não é menos acadêmica do que a aula e esta não é menos espiritual do que aquela. A pedagogia ignaciana em seu próprio nome sintetiza esses dois aspectos e consiste em um paradigma ou modelo das práticas pedagógicas nas escolas jesuítas.

Esta pedagogia ao mesmo tempo que segue uma metodologia cuja origem está nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, fundamenta como fim da educação jesuíta “acolher e promover tudo o que for **realmente humano**, comprometidos no trabalho **em favor da liberdade e dignidade de todos os**

povos, e decididos a agir assim, em cooperação com outros igualmente empenhados em **modificar a sociedade e suas estruturas**” (COMPANHIA DE JESUS, 2003, p. 27, grifo nosso).

Desse modo, já temos razões suficientes para acreditar que para a educação católica e jesuíta não há acadêmico fora do espiritual, nem pastoral fora da prática pedagógica de suas escolas. Além disso, na Constituição *Gaudium et Spes*, a Igreja se coloca empática com o que há de mais humano, permitindo deduzir que o apelo por uma evangelização menos doutrinária e mais em diálogo com a cultura e a liberdade dirige-se a toda forma de atuação pastoral: catequese, liturgia, escola, movimentos, pastorais etc.

Dizendo isso queremos evidenciar que o movimento de conversão pastoral – de uma meramente doutrinária e etérea para uma ligada aos aspectos da vida humana – já acontece nos espaços “exclusivamente” eclesiais e deve ser acompanhada pelas pastorais das escolas. Com isso, os caminhos cruzados entre a educação e a pastoral são cada vez mais largos e possíveis.

Os tópicos que se seguem necessitam que entendamos o que foi defendido até agora: a dimensão espiritual protagonizada pela pastoral está em completo diálogo com a dimensão pedagógica e acadêmica dos educandos. E isso não tem nada a ver com movimentos vanguardistas no interior da Igreja, pelo contrário, é algo institucionalizado pelos escritos finais do Concílio Vaticano II. A propósito, a intenção de uma educação integral não pode pensar uma pastoral isolada e



desautorizada a refletir aspectos da vida escolar.

3 O EXAME DE CONSCIÊNCIA: DOS GREGOS A INÁCIO

O exame de consciência inaciano é uma proposta de oração fomentada por Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, em 1540, aos jesuítas e todas as pessoas que se dispõem a realizar seus Exercícios Espirituais. Ele nasce da experiência de vida de Inácio e é o exercício que caracteriza o jesuíta enquanto homem do discernimento e da percepção do divino no cotidiano.

Mas este exame não é originalmente uma proposta nascida no seio da Igreja, é uma questão que inquietou os gregos desde a antiguidade clássica. Sem demorar muito no processo histórico que culminou com o exame inaciano, queremos demonstrar como o nascimento deste exercício, no seio da civilização ocidental, enriqueceu a tese da importância humana e espiritual da proposição da meditação sobre si.

Por volta do século IV a.C., a civilização grega iniciou uma nova busca pelo fundamento de todas as coisas, não mais na natureza física, mas na pergunta por si mesmo como propõe os filósofos Socráticos. O primeiro e mestre destes, Sócrates, considerava o conhecimento de si um imperativo de vida. A famosa frase “Conhece-te a ti mesmo” vem da convicção de que é necessário fazer uma peregrinação em busca da verdade de si. Sócrates inaugura o método dialético, em que por meio do diálogo e de questões importantes a verdade vai se desvelando. É por isso que “dialogar com Sócrates levava a um ‘exame da alma’ e a uma

prestação de contas da própria vida” (REALE; ANTISSERI, 1990). Sócrates, portanto, propunha um exame de si para o encontro com a verdade e uma postura de humildade diante do conhecimento que só oferece a certeza de que pouco se sabe.

A questão do exame se cristianiza com os filósofos medievais, que tomam a filosofia clássica e a adaptam para a nova noção de mundo proposto pela igreja neste seu período de hegemonia. Em Santo Agostinho, por exemplo, esse conhecimento que se volta para o interior ao mesmo tempo faz o homem acender a Deus, pois ele põe a realidade humana em contato com sua essência primeira de ser imagem de Deus. Neste filósofo da fé “o verdadeiro mistério não é o mundo, mas nós para nós mesmos” (REALE; ANTISSERI, p. 437). É aqui que se inaugura o conceito de pessoa, ou seja, o indivíduo em relação a outro, e no ato da interioridade, o indivíduo para ele mesmo. É assim também que o exame de consciência vai ganhando contornos cristãos e introduz o elemento da fé neste exercício, que desde Sócrates era puramente racional.

Dentro da tradição da igreja, o exame de consciência passou a ser um exercício espiritual penitencial e de perdão dos pecados, sendo feito antes de realizar o sacramento da confissão ou antes de dormir na última oração da noite. Metaforicamente falando, a consciência torna-se um juiz que julga as atitudes e leva o cristão a reconhecer-se pecador e necessitado de Deus. Foi assim que Santo Inácio recebeu o exame de consciência, que segundo Araújo (2011, p. 48) se deu depois da reforma carolíngia, do século VIII, quando o então cavaleiro



em convalescência tem acesso às leituras de *Vita Christi* e *Flos Sanctorum*.

Dito isso, é preciso retomar o Exame de Consciência usado e fomentado por Inácio numa tentativa de entender como esta proposta pode migrar para a educação com as adaptações possíveis.

Inácio de Loyola compreende os exames espirituais em duas metodologias: o particular, e o geral. O particular tem objetivo de livrar-se do que ele chama de afetos desordenados, ou em outras palavras, maus hábitos do cotidiano. O geral, para confissão, entra na proposta tradicional da igreja, que toma o exame de consciência como preparação para receber o sacramento da penitência. Mas, este método pode ser usado para o conhecimento interno de si, sem necessariamente ser um caminho precursor da confissão sacramental. É deste que estamos falando, que está detalhado conforme abaixo:

Consta de cinco pontos.

O Primeiro ponto é dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos.

O Segundo, pedir graça para conhecer os pecados, e libertar-se deles.

O Terceiro, pedir conta à alma, desde a hora em que se levantou até ao exame presente, hora por hora ou período por período; primeiro, dos pensamentos, depois das palavras, e depois das obras, pela mesma ordem que se disse no exame particular.

O Quarto, pedir perdão, a Deus nosso Senhor, das faltas.

O Quinto, propor emenda, com sua graça.

Pai Nosso (LOYOLA, 1999, p. 14).

Para Araújo (2011), uma das descobertas que o exame inaciano proporciona “passa necessariamente pelo autoconhecimento, favorecendo a pessoa a crescer no autodomínio e na liberdade interior” (ARAÚJO, 2011, p. 50). De fato, embora seja evidente a contribuição para o processo religioso de conversão, também é evidente como este método pode ser adaptado para garantir uma avaliação de si próprio, o que vai ao encontro da proposta da educação integral que não só a Igreja e a Companhia de Jesus defendem em suas escolas, como também a própria Lei de Diretrizes Básicas (LDB), em seu segundo artigo, quando diz que a educação tem por finalidade **o pleno desenvolvimento do educando**.

4 O EXAME INACIANO DE CONSCIÊNCIA COMO PAUSA PARA EMENDAR-SE

Na Escola Santo Afonso Rodriguez (ESAR), uma unidade filantrópica da Rede Jesuíta de Educação (RJE), o Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral (SORPA) leva à frente sua atividade pastoral a partir do Exame de Consciência Inaciano, entendendo-o como um momento de pausa e de memória agradecida pelo que se aprendeu e de estímulo ao crescimento humano e espiritual. Este momento é oferecido tanto para os educandos como para os educadores, dada a importância de constituir uma comunidade educativa capaz de discernir os projetos de vida pessoais e institucionais à luz do respeito e da liberdade humana.

Entre os educandos, a ESAR adaptou este exercício diário que



acontece sempre no término da manhã e da tarde, com educandos do 1º ao 7º ano, e nominou este momento de parada reflexiva de Pausa Inaciana. Abaixo elencamos o modo como os cinco pontos propostos por Inácio de Loyola foram adaptados para a nossa realidade escolar:

1. Pacificar o coração com alguma canção, exercício de respiração ou outras formas criativas.
2. Pedir luz: pedir que a luz da inteligência venha iluminar a mente e o coração para me ajudar a lembrar do quanto foi-se feliz e do quanto pode-se ser melhor.
3. Dar graças: lembrar daquilo de mais importante que se viveu até aquele momento do dia, das pessoas que foram um presente, das sensações do comer, do brincar e do aprender.
4. Desculpar-se: lembrar do que foi feito ou do que se deixou de fazer pelo outro que mais precisou e pedir desculpas.
5. Concluir rezando um Pai-nosso ou cantando-se alguma música ou ainda favorecendo alguma partilha se for necessário.

Especialmente com as séries iniciais, o SORPA propõe um tempo mais reduzido dada a dificuldade que as crianças dessa faixa etária têm em concentrar e abstrair certos conceitos. Por isso não se demora os quinze minutos padronizados para essa atividade. Além disso, recorre-se a uma linguagem mais palpável e ao uso do corpo e de objetos

concretos para entender conceitos como memória, Deus, sensação e gratidão.

Com isso, o SORPA entende sua missão de colaborar com o desenvolvimento de seus educandos, compreendendo a confessionalidade como um aspecto que prepara para o mundo, em vez de fechar os educandos apenas em conhecimentos didáticos ou religiosos. A Pausa Inaciana é um exercício que abre para a intuição coletiva, que vem desde os filósofos socráticos, de que a vida merece discernimento, reflexão e relação com os outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos da pastoral e da educação atualmente não aceitam muros. Desde a edição da *Gravissimum Educationis* a igreja deixa claro essa questão. A pastoral na Companhia de Jesus tece caminhos interdisciplinares entre a educação e a confessionalidade de suas unidades. Isso se dá fundamentado na metodologia inaciana, que sempre entendeu positivamente a tensão entre o humano e o religioso. O exame de consciência inaciano é historicamente um exercício, que unindo os polos, que apontam para a pastoral e o pedagógico, aflora como um caminho, que a Escola Santo Afonso Rodriguez entende, que pode ser oferecido aos seus educandos/as e educadores/as.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adelson. **O sentido do exame Inaciano**. ITAICI, Campinas, v. 1, n. 4, p. 47-57, jun. 2011.

Arrupe, Pedro. Nossos colégios hoje e amanhã, Roma, 10/09/80. In: **Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana**: Disponível em:
<http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=2934>. Acesso em: jun. 2021.

DECLARAÇÃO GRAVISSIMUM EDUCATIONIS SOBRE A EDUCAÇÃO CRISTÃ. Vatican, 2021. Disponível em em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acesso em: jun. 2021.

LOYOLA, Santo Inácio. **Exercícios Espirituais**. Lisboa: Livraria Apostolado da Imprensa, 1999. Disponível em: <http://www.raggionline.com/saggi/scritti/pt/exercicios.pdf> . Acesso em: 08 jun. 2021.

REALE, Giovanni; ANTISSERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.

Sosa, Arturo. Aos Delegados de Educação Secundária: A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus. Rio de Janeiro, Brasil, 20 de outubro de 2017. In: **Centro Virtual de Pedagogía Ignaciana (CVPI)**: Disponível em:
<http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3873>. Acesso em: jun. 2021.

ZAN, Mario. **Pedagogia Inaciana: uma proposta prática**. Rio de Janeiro: Loyola, 1993.